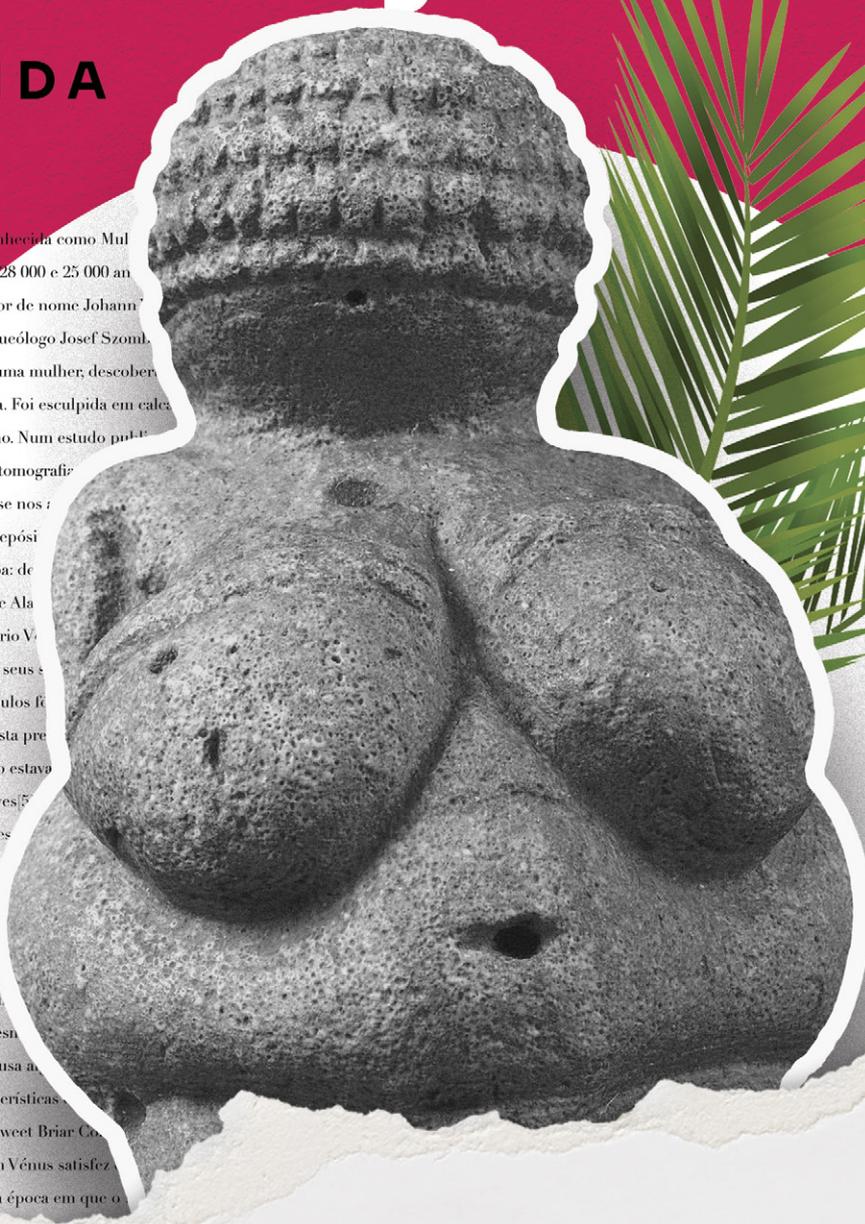


LINGUAGENS E REDAÇÃO

COM

**FERNANDA
PESSOA**

Vênus de Willendorf, hoje também conhecida como Mulierula, é uma pequena estatueta de calcário, com uma altura estimada como esculpida entre 28 000 e 25 000 anos. Foi descoberta em 7 de Agosto de 1908 por um trabalhador de nome Johann Mandler, que trabalhava na equipe do arqueólogo Josef Szombold. A estatueta tem uma altura representando estilisticamente uma mulher; descoberta em 1908, foi encontrada situado perto de Willendorf, na Áustria. Foi esculpida em calcário, uma pedra comum na região, e colorido com ocre vermelho. Num estudo publicado em 2018, investigadores examinaram através de tomografia computadorizada as partículas dentro da estátua. Focaram-se nos poros da estatueta, comparando-as com aglomerados de depósitos de calcário encontrados em vários locais da Europa: de acordo com o estudo, amostras de calcário de Saga de Alameda e de Valpurga são "virtualmente indistinguíveis" do calcário de Willendorf. A matéria-prima vir do sul dos Alpes. Os seus estudos sugerem que a Vénus continha fragmentos de minúsculos fósseis de Oxytomidae, pertencendo ao género Oxytomidae. Esta presença sugere que, há milhares de anos, quando o género agora extinto estava presente, a Vénus continha igualmente fragmentos bivalves. Em 1990, após uma revisão da análise espectral, concluiu-se que a estatueta sido esculpida há 22 000 ou 24 000 anos. A estatueta tem um significado cultural. A Vénus não apresenta características femininas. A vulva, seios e barriga são esculpidos, mas não têm uma relação forte com o conceito da fertilidade. Os braços e pernas dobram-se sobre os seios e não têm um comprimento real. O cabelo é de tranças, um tipo de penteado ou mesmo um tipo de tranças. O apelido com que ficou conhecida causa alguma polémica, pois não conseguem ver nesta figura com características femininas. Christopher Witcombe, professor na Sweet Briar College, fez uma identificação irónica destas figuras com Vénus satisfeita. A identificação irónica destas figuras com Vénus satisfeita é uma referência à época, sobre o que era na época em que o apelido foi criado.



**COMPETÊNCIA DE ÁREA 1 E
HABILIDADES DA PROVA DE
LINGUAGENS**



**CURSO
FERNANDA PESSOA
ONLINE**

COMPETÊNCIA DE ÁREA 1 E HABILIDADES DA PROVA DE LINGUAGENS

INTERPRETAÇÃO PRÉ- TEXTUAL E TEXTUAL

Competência de área 1 - Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

H1 - Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.

H2 - Recorrer aos conhecimentos sobre as linguagens dos sistemas de comunicação e informação para resolver problemas sociais.

H3 - Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.

H4 - Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

Ao contrário do que comumente se assume, a interpretação textual demanda mais do que reconhecer e decodificar palavras, imagens, sons etc., mesmo que essas atividades sejam essenciais para a leitura de textos e discursos. A plena compreensão de um texto requer não apenas o conhecimento dos sentidos das palavras em si, mas a prática da interpretação textual em todas as suas etapas. Essas etapas, por sua vez, englobam fatores que vão além da superfície textual (chamada cotexto): a relação entre o título e o corpo do texto, seu autor, sua data de publicação, a plataforma de divulgação e até mesmo a esfera social em que o texto circula. Por isso, deve-se entender o texto como um evento: cada leitura é única, pois um leitor nunca lê um texto duas vezes com as mesmas impressões.

Estratégias de interpretação pré-textuais

Antes da leitura de um texto, o leitor é motivado por elementos previamente observados. Os conhecimentos que o leitor movimenta a respeito de um texto (gênero e tipo textual, autoria, data de publicação, contexto de produção) antes de realizar a leitura propriamente dita encaminham a análise que o leitor faz do que está escrito. Por isso, um mesmo texto pode ser entendido de diversas maneiras.

As etapas da interpretação textual ocorrem de forma praticamente simultânea à leitura em si, sendo quase impossível sequenciá-las temporalmente. Entretanto, é inegável que os conhecimentos prévios que levamos para a leitura nos encaminham para diferentes interpretações.

Por isso, a interpretação textual acontece em etapas pré-textuais, textuais e pós-textuais, sendo necessário lembrar alguns dos principais conceitos básicos de interpretação textual.

Título

É a palavra, expressão ou enunciado que irá iniciar o texto. Por esse motivo comporta as bases semânticas que irão conduzir suas ideias mais gerais. Em alguns casos, a compreensão do título também só será completa com a leitura do texto.



Exemplo:

O yuan cai - na nossa cabeça

Assim que a China anunciou, no dia 11 [11.08.2015], que permitira uma queda de 1,9% no valor de sua moeda, o yuan, Bolsas e moedas de outros países desabaram. Foi a maior desvalorização cambial na China desde 1994. Ao baratear sua moeda e, como consequência, seus salários e seus produtos, os chineses impulsionaram suas exportações. Mas

dificultam a vida da concorrência e a recuperação econômica em outros países. Entre esses sofredores, está o Brasil. O Brasil já vinha sentindo um baque duplo: a China em desaceleração consome menos de nossa soja e de nosso minério de ferro, e os preços desses produtos no mercado internacional estão em baixa. O Brasil normalmente vende para a China mais do que compra.

(*Época*, 17.08.2015)

Datações

As datas de publicações de textos ajudam o leitor a contextualizar melhor sua leitura e, naturalmente, a direcionar adequadamente os processos interpretativos. Notícias e reportagens antigas, por exemplo, muitas vezes apenas são compreensíveis quando se sabe a data de publicação, por isso, este é um recurso obrigatório no meio jornalístico.



Exemplo:

Filme coreano que mistura humor ácido e terror faz história em Hollywood

No próximo dia 09 de fevereiro, o longa vai concorrer ao Oscar em seis categorias, incluindo melhor filme.

22/01/2020

Fonte: <<https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/oscar/2020/noticia/2020/01/22/parasita-por-que-o-filme-sul-coreano-esta-fazendo-historia-em-hollywood.ghtml>>

Fontes

As fontes bibliográficas de textos (que costumam aparecer logo abaixo dos fragmentos) dão importantes direcionamentos a respeito dos assuntos ali tratados.



Exemplo:

Nós cantaremos as grandes multidões movimentadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela revolta; as marés multicoloridas e polifônicas das revoluções nas capitais modernas; a vibração noturna dos arsenais e dos estaleiros sob suas luas elétricas; as estações gluttonas comedoras de serpentes que fumam; as usinas suspensas nas nuvens pelos barbantes de suas fumaças; os navios aventureiros farejando

o horizonte; as locomotivas de grande peito, que escoucinnham os trilhos, como enormes cavalos de aço freados por longos tubos, e o voo deslizante dos aeroplanos, cuja hélice tem os estalos da bandeira e os aplausos da multidão entusiasta.

Fonte: (Apud Gilberto Mendonça Teles. *Vanguarda europeia e modernismo brasileiro*, 1992. Adaptado.)

Repertório e conhecimento de mundo

No decorrer de nossas vidas, construímos conhecimentos e impressões a respeito do mundo. Como esse conhecimento é fruto de nossas experiências, estudos e das informações que acumulamos, cada indivíduo possui seu próprio repertório de mundo.

É dos nossos conhecimentos de mundo, também, que se formam nossas opiniões e argumentos a respeito de temas.

No texto, os conhecimentos que já possuímos se relacionam aos conhecimentos que o próprio autor levanta.

Nesse sentido, podemos dizer que todo conhecimento somente é construído por meio do texto e de forma social. Por isso, quando lemos, nossos conhecimentos prévios realizam uma importante função de contextualizar e encaminhar a leitura. Em muitos casos, é por causa de nossos conhecimentos de mundo que conseguimos entender o texto.

Veja o exemplo abaixo:



Hagar, o horrível – Dik Browne

Os comandos de interpretação

A interpretação textual é comumente entendida como algo subjetivo, que depende apenas de como o leitor entende o texto.

Entretanto, é notório que ela opera de modo objetivo, por meio de teorias e processos os quais devemos conhecer:

As teorias de comunicação

Englobando estudos linguísticos, filosóficos, sociológicos e psicológicos e, ainda, diversas abordagens diferentes, as teorias de comunicação se desdobram sobre a comunicação social. Por isso, estudar as teorias a respeito das funções de linguagem e da variação linguística pode nos ajudar a perceber melhor o funcionamento de textos.

Os gêneros textuais

O estudo dos gêneros textuais parte do argumento de que todo texto cumpre um propósito comunicativo. A depender de qual seja esse propósito, o texto assume estruturas que facilitam o entendimento do leitor. É importante ter em mente que essas estruturas seguem padrões, mas não são engessadas (um anúncio publicitário pode ser feito na forma de um poema, por exemplo), por isso, os gêneros textuais são infinitos. Reconhecer o gênero ao qual pertence um texto, portanto, ajuda na atividade interpretativa, pois permite que o leitor adiante o que se espera no texto a ser lido.

Os gêneros literários

Também são estruturas que facilitam a compreensão do texto, mais especificamente, de sua função social, mas que são empregadas nos textos literários. Assim, é importante saber as diferenças entre textos em prosa (romances, contos, novelas), em verso (poemas, epopeias) e mistos (crônica) para podermos interpretá-los eficientemente.

Comandos (verbais) de interpretação

Os comandos verbais são muito comuns em provas e têm função de indicar o encaminhamento interpretativo a ser seguido pelos leitores.

Alguns dos principais comandos verbais de interpretação são:

Analisar	Identificar
Associar	Inferir
Citar	Reconhecer
Comparar	Relacionar/dialogar
Contextualizar	Substituir
Explicar	Inferir
Explicitar	Reconhecer

AS DIFERENTES LINGUAGENS E RECURSOS EXPRESSIVOS DO SISTEMA DE COMUNICAÇÃO

A seguir, estudaremos os assuntos que dizem respeito à competência 1, proposta pelo ENEM. Nessa competência você encontrará uma nova forma de utilização dos meios de informação e de como eles atingem a sociedade como um todo e, portanto, como aparecem na prova do Enem com o objetivo de revelar a sua verdadeira importância no contexto atual dos vestibulares.

Comunicação e Linguagem

O ser humano se desenvolve ao redor da comunicação: desde crianças, aprendemos a falar e a entender o que os outros dizem; depois, a escrever e a ler o que os outros escrevem. Por isso, a principal função da linguagem é a comunicação.

É fundamental, para interpretar textos, que se saiba como a comunicação se organiza, seja ela escrita, falada ou gestualizada. Segundo a teoria da comunicação, de Jakobson, há seis partes constituintes de uma comunicação quando um ser humano emite uma mensagem. Essa teoria parte do pressuposto de que, em um determinado contexto, um emissor mobiliza um código para, através de um canal, expressar uma mensagem a um receptor. Vamos ver mais sobre esses constituintes:

Contexto (ou referente) é a situação em que se comunica e sobre a qual se comunica. Em linhas gerais, entende-se que se trata da motivação da comunicação;

Emissor (ou remetente, destinador) é aquele ou aquilo que transmite a ideia mobilizada a partir do contexto;

Mensagem é a materialização mobilizada a partir do contexto. Ou seja, é a ideia que sai do plano mental para ser mecanicamente transmitida de maneira gestual, sonora, falada, escrita etc.;

Receptor (ou destinatário) é aquele que capta a ideia mobilizada a partir do contexto e materializada em uma mensagem pelo emissor;

Código é o conjunto de sinais, regras e linguagens usado para materializar a mensagem. O código deve ser compartilhado pelo emissor e pelo receptor, e pode

ser composto de gestos, notas musicais, sistemas de escrita (alfabeto, ideogramas, braile), idiomas (português, aramaico), língua de sinais (Libras, LSA), algarismos, imagens etc.;

Canal (ou contato) é o meio pelo qual a mensagem, organizada em determinado código, é transmitido do emissor para o receptor, como livro, telefone, aplicativos de conversa, televisão, aparelho fonador etc.



Considerar esses elementos é essencial para interpretar um texto de modo aprofundado, analisando tanto o conteúdo da mensagem quanto à forma como ela foi construída e transmitida e sua intenção no contexto de enunciação. Entretanto, a teoria da conversação pode dar a entender que a comunicação é estanque: um fala enquanto outro escuta, um lê enquanto outro escreve. Portanto, é importante lembrar que a comunicação é dinâmica que as duas partes participam construindo os sentidos dos textos.

!!! Atenção para: HIPERTEXTO

O hipertexto subverte a linearidade de escrita e a sequência temporal e lógica nas quais o conceito de estrutura narrativa esteve amparado por muito tempo. Atualmente, com a rapidez das informações e a ascensão dos meios tecnológicos, então, o hipertexto tem se tornado um recurso cada vez mais presente.

O **hipertexto** torna a comunicação ainda mais dinâmica, pois o acesso a um determinado ponto do hipertexto faz com que outros interligados a ele sejam passíveis de acesso por meio de links. Além disso, quando acessamos a internet, encontramos inúmeros

hipertextos por meio de endereços de sites, palavras sublinhadas, ícones piscando e, ao clicarmos, abrimos diversas “janelas” que nos direcionam a outras páginas na rede.

Por isso, pode-se dizer que o hipertexto é essencialmente amparado na exterioridade do texto e nas relações entre os sujeitos e entre sujeitos e máquina, constantemente mudando, acrescentando, incorporando e definindo dados e informações.

Entretanto, mesmo que seja um recurso frequente no meio digital, também há exemplos de hipertextos em gêneros textuais já estabelecidos há bastante tempo. Pode-se citar as antologias e as enciclopédias, em que o leitor não precisa ler o livro linearmente, basta buscar a página de seu interesse.

Linguagem verbal e não verbal

Ao contrário da língua, que se define como um código verbal, a linguagem compõe-se de recursos verbais e não verbais. Enquanto a linguagem verbal recorre a palavras, seja na comunicação escrita ou na oralidade, a não verbal diz respeito a outros recursos utilizados para construir um sentido - sejam eles imagens, sons ou o próprio corpo.

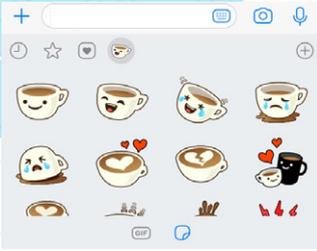
Nome

- algo é o nome do homem*
- coisa é o nome do homem*
- homem é o nome do cara*
- isso é o nome da coisa*
- cara é o nome do rosto*
- fome é o nome do moço*
- homem é o nome do troço*
- osso é o nome do fóssil*
- corpo é o nome do morto*
- homem é o nome do outro*

Arnaldo Antunes

A letra da canção de Arnaldo Antunes é construída por meio da linguagem verbal. Ou seja, o autor emprega as palavras para construir o sentido de seu texto, em que renomeia objetos e seres. Ao contrário disso, textos compostos por recursos não verbais se valem de recursos além das palavras, os quais podem ser:

Anotações



As figurinhas são recursos imagéticos empregados para expressar pensamentos e sentimentos nas redes sociais, nas quais é notória uma necessidade de agilidade na comunicação. Outros exemplos de

comunicação não verbal são a pintura, a dança, os sinais e desenhos e até mesmo as expressões faciais. Em suma, a linguagem verbal trata de tudo aquilo que constrói sentidos sem recorrer às palavras.



Quadro: linguagem não verbal.



Linguagem não verbal (nesse caso, um código).

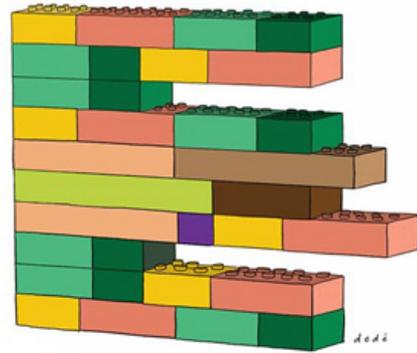


Linguagem corporal (não verbal, mas geralmente acompanha a verbal).

É importante notar que a linguagem verbal e a não verbal não se anulam. Ao contrário disso, é muito comum que textos apresentem recursos de linguagem verbal e não verbal, ambos trabalhando juntos na construção dos sentidos. Esses são os textos que apresentam linguagem *multimodal* ou *mista*. Veja um exemplo:

Anotações

VAI, CARLOS! SER LEGO NA VIDA



no meio	nunca me esquecerei
do caminho	desse acontecimento
tinha uma	na vida de minhas retinas
pedra	tão fatigadas
	que

Tipos de discurso

O tipo de discurso diz respeito a como o autor organiza a linguagem para construir a narrativa ou a argumentação. Em um texto de linguagem verbal, pode-se recorrer a três tipos de discurso: direto, indireto ou livre.

O discurso direto é empregado quando o autor faz uma transcrição exata da fala (ou do pensamento) de um personagem ou de uma pessoa. Normalmente, é sinalizado por travessão ou aspas.

[...]

- Harry, você é um bruxo.

O casebre mergulhou em silêncio. Ouviam-se apenas o mar e o assobio do vento.

- Eu sou o quê? – ofegou Harry.

- Um bruxo, é claro. – repetiu Hagrid, recostando no sofá, que gemeu e afundou ainda mais -, e um bruxo de primeira, eu diria, depois que receber um pequeno treino. Com uma mãe e um pai como os seus, o que mais poderia ser? E acho que já está na hora de ler a sua carta.

[...]

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

No discurso indireto, ocorre a paráfrase. Ou seja, o autor faz um resumo da fala ou dos pensamentos de personagens ou pessoas, não havendo necessidade de indicação por meio de aspas. Normalmente, quando se emprega esse tipo de discurso, a fala do outro é inserida no texto por meio de um verbo de elocução (dizer, afirmar, perguntar, responder, etc.) seguido da conjunção que.

P!nk faz discurso emocionante sobre autoestima no VMA

[...]

Quando recebeu o troféu dourado das mãos de Ellen DeGeneres, ela deixou todo mundo chocado ao relatar um episódio que sofreu dentro de casa, depois que sua filha mais velha, Willow Sage, de 6 anos, contou que se achava feia. P!nk então ensinou à garotinha – e a todos que estavam assistindo à premiação – que o importante é você se amar do jeito que é e não ligar para o que os outros pensam.

[...]

Fonte: <https://capricho.abril.com.br/famosos/pnk-faz-discurso-emocionante-sobre-autoestima-no-vm-2017/>

O **discurso livre**, por fim, é a união entre os dois tipos de discurso anteriores: confundem-se as falas e os pensamentos do autor e dos personagens ou pessoas citadas e as falas do outro podem estar (ou não) sinalizadas por aspas e travessão. Esse tipo de discurso é muito recorrente na literatura.

[...]

Bem, então saiu do salão de beleza pelo elevador do Copacabana Palace Hotel. O chofer não estava lá. Olhou o relógio: eram quatro horas da tarde. E de repente lembrou-se: tinha dito a “seu” José para vir buscá-la às cinco, não calculando que não faria as unhas dos pés e das mãos, só massagem. Que devia fazer? Tomar um táxi?

Lispector, Clarice. A bela e a fera ou A ferida grande demais. In: A paixão segundo G.H. Florianópolis: Editora UFSC, 1998. p. 151.

Intertextualidade

A intertextualidade é o fenômeno textual que tem relação à capacidade dos textos de fazer referências a outros textos. A existência da própria intertextualidade se explica pelo fato de que, em nossa sociedade, nenhum texto exista sem que haja textos prévios a ele. Isso acontece porque todo texto é resultado de nossas experiências e estudos. Assim, há uma constante e inegável relação de influência entre diferentes textos. Por exemplo, é comum que autores afirmem se inspirar em outros escritores para escrever suas obras.

O fenômeno da intertextualidade, portanto, diz respeito à forma como um texto pode influenciar ou se relacionar diretamente a outro, por meio de referências (explícitas ou não) ao conteúdo e/ou à forma.

É importante estar ciente de que a intertextualidade é um fenômeno extremamente comum e que não está restrito a textos escritos nem a textos pertencentes a um mesmo

gênero, podendo também ocorrer entre obras de diferentes tipos de linguagem, sendo bastante comum entre obras literárias, peças publicitárias, músicas e charges. Veja o exemplo abaixo:



Monalisa (1503),
Leonardo da Vinci



Mônica lisa (2001),
Maurício de Souza



Lhoqq (1919),
Marcel Duchamp



Versão bom bril
(1998)

Tipos de intertextualidade

A intertextualidade é um fenômeno bastante sofisticado e pode ser expressa sob diferentes formas. Os tipos mais comuns são:

Alusão: recurso que faz referência a elementos presentes em outros textos de forma indireta, ou seja, por meio de características simbólicas.

Exemplo:

“Martha, sete anos de idade e linda como um narciso - embora faltasse uma pétala, pois dois dentes de leite haviam caído” (FOLLET, K. Os Pilares da terra, 2012).

(Alusão a Narciso, herói grego famoso por sua beleza e orgulho)

Citação: quando um autor acrescenta partes de outras obras na sua produção textual, ocasionando uma intertextualidade direta. Por vezes, ocorre a transcrição das palavras do texto fonte e, por isso, dá credibilidade à nova construção. Normalmente, a citação é inserida em itálico e entre aspas, além de citar o nome do autor original a fim de evitar plágio.

Exemplo:

Analisando a rotação do osso sobre a base, pode-se, segundo Kapan (2001), “descobrir até que ponto haverá o desenvolvimento do paciente”.

Epígrafe: acréscimo de parágrafo ou frase que se relacione com o texto que está sendo escrito. O recurso é bastante utilizado em trabalhos científicos e obras, sendo colocada em seu início.

Exemplo:

“O mais corajoso dos atos ainda é pensar com a própria cabeça” (Coco Chanel).

Paráfrase: a recriação de um texto que já existe, mantendo a mesma ideia, porém utilizando outras palavras. O objetivo é reafirmar as ideias do texto fonte, mas com estrutura e estilo próprios.

Exemplo:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras

Onde canta o sabiá,

As aves que aqui gorjeiam

Não gorjeiam como lá.

(...)

(Gonçalves Dias, *Primeiros cantos*, 1846.)

Europa, França e Bahia

(...)

Meus olhos brasileiros se fecham saudosos

Minha boca procura a ‘Canção do Exílio’.

Como era mesmo a ‘Canção do Exílio’?

Eu tão esquecido de minha terra...

Ai terra que tem palmeiras

Onde canta o sabiá!

(Carlos Drummond de Andrade, 1930.)

Paródia: muito presente em programas humorísticos, a paródia consiste na subversão de um texto original, porém sob forma crítica ou satírica. O objetivo é a ironia, crítica e reflexão.

Exemplo:

Quem tem boca vai a Roma. (ditado popular)

Quem tem carro vai a Roma. (paródia)



COMPREENSÃO DA FUNÇÃO SOCIAL DOS SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

A função social dos sistemas de comunicação e de informação liga-se, de certa forma, à teoria da comunicação, já estudada por nós. Sendo assim, cabe informar que há uma relação com a “transmissão da mensagem” e a recepção desta por um determinado **público alvo**. Desse modo, é preciso estudar essas relações, com a finalidade de entender se, partindo de determinado contexto, a intenção do emissor da “mensagem” foi realizada.

Nesse sentido, podemos entender essa ideia a partir do estudo dos **gêneros textuais**, os quais já sabemos ser incontáveis. Todos eles buscam cumprir um **propósito sociocomunicativo**. Pensando nisso, é interessante que estudemos os gêneros que mais aparecem nos principais vestibulares.



Charge, cartum e tirinha

Há muita dúvida na hora de diferenciar a charge, o cartum e a tirinha. Muitas pessoas, inclusive, consideram que estes compõem um mesmo gênero textual. Isso porque os três, geralmente, são encontrados no meio jornalístico. Contudo, essa associação não é correta, pois existem diferenças significativas entre esses gêneros, as quais vão desde suas funções sociais até o meio em que eles circulam, perpassando seu suporte*.

!!! *IMPORTANTE:

O linguista Luiz Antônio Marcuschi apresenta o conceito de suporte, explicando que as novas tecnologias proporcionaram o surgimento de diversos gêneros textuais novos, a partir de novos suportes – jornal, televisão, rádio, revista, internet etc.

Seja nos livros didáticos, nos diversos blogs da Internet, ou até no Facebook e no Twitter (suportes), frequentemente, deparamo-nos com textos humorísticos (ou não humorísticos, mas críticos) que podem vir em forma de charges, cartuns, tirinhas e caricaturas. Nessa parte de nossos estudos, aprenderemos a diferenciar esses diferentes gêneros.

A charge

A charge faz uma sátira (crítica sarcástica) de **situações específicas**, ou seja, com um **contexto específico**. Em outras palavras, esses textos surgem de situações ocorridas em determinado **momento socio-histórico**, sendo um texto marcado mais por sua especificidade temporal. As personagens das charges costumam partir das figuras de personalidades públicas, como um político ou artista, por exemplo.

No que se refere à linguagem, nesse gênero textual, costuma-se perceber a associação da linguagem verbal e não verbal.

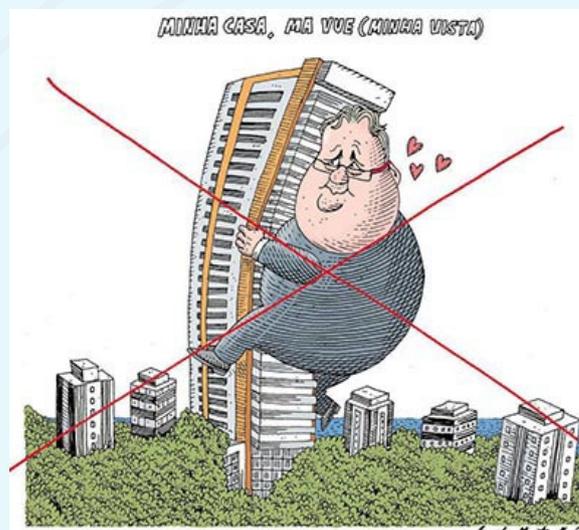
A charge é muito utilizada em críticas políticas e pode ser confundida com o cartum. Contudo, ao nos atermos às raízes desse gênero textual, perceberemos que as charges foram criadas no século XIX por pessoas que desejavam se expressar quanto ao governo, a fim de demonstrar indignação e insatisfação com a situação vigente. Isso se relaciona tanto com a questão social quanto a questão econômica.

Observe:



Charge sobre Geddel Vieira provoca demissão do chargista Osmani Simanca, do jornal "A Tarde"

O político aparece grudado num prédio — como se fosse uma preguiça gigante — construído de maneira ilegal, o que provocou sua demissão do governo de Michel Temer.



Fonte: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/charge-sobre-geddel-vieira-provoca-demissao-do-chargista-osmani-simanca-do-jornal-tarde-98117/>.

O cartum

Encontrado no meio jornalístico, o cartum é um gênero textual humorístico, considerado analítico, o qual critica, satiriza e/ou expõe situações por meio de uma anedota gráfica. Abrange, hoje, jornais, revistas e internet.

Nele, podemos vislumbrar, geralmente, a presença da linguagem não-verbal. Pode, também, ser acompanhado de alguma legenda a fim de complementar a opinião do veículo no qual circula esse texto.

No geral, o cartum aborda situações que poderiam ocorrer **em qualquer tempo** ou **lugar**, satirizando os costumes humanos, sem fazer referência a uma personalidade em específico. Por isso, diferentemente da charge, o cartum é **atemporal**. Observe os exemplos:



(Cartum produzido por Ziraldo)



Eu estou grávida de quatro meses e nosso bebê já tem mais amigos no Facebook do que a gente.

(Cartum produzido por Randy Glasbergen)

Anotações

A tirinha

A tirinha é uma sequência de quadrinhos (um ou mais quadros). Ela geralmente faz uma crítica aos valores sociais e é publicada com regularidade. Pode-se dizer, assim, que são uma variação das histórias em quadrinhos (HQ's), porém bem mais curtas. As tirinhas também circulam no meio jornalístico e podem estar contidas em jornais, revistas e em sites da Internet.

Observe:



(Tira de Armandinho, criado pelo cartunista brasileiro Alexandre Beck)



(Tira de Mafalda, criada pelo cartunista argentino Quino)

REDES SOCIAIS E GÊNEROS DIGITAIS

Agilidade, simplificação linguística e dinamismo são características das redes sociais e, como consequência, dos gêneros digitais. Nesta seção, veremos a relação entre redes sociais e gêneros digitais, ancorada nos estudos de Marcuschi (2005).

Sendo assim, cabe-nos contextualizar que distintos gêneros **emergem** nos ambientes virtuais. Já sabemos que tal fato se dá pela **necessidade humana da comunicação**. No ambiente online, os gêneros emergentes são relativamente variados, como bem pontua Marcuschi. Contudo, em sua maioria, são similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. Por exemplo, o e-mail – um dos primeiros gêneros digitais a circular –, antigamente, poderia conter traços da oralidade caso fosse mais informal (e-mail pessoal). Muitas vezes continha vídeos, imagens, relatos de viagem, etc. Hoje, geralmente, assume um papel mais formal de comunicação, ainda que não seja tão utilizado.

Com o passar dos anos e por conta da necessidade de rapidez, redes sociais como o Messenger (MSN) foram criadas, trazendo consigo novos gêneros: o bate-papo virtual (chat), por exemplo.

Com o tempo, mais e **mais gêneros** foram surgindo, à medida que eram criadas novas redes sociais (Blogger, Fotolog, Orkut, Facebook, WhatsApp, Instagram, Twitter). São eles: *blog* (apenas escrito), blog de fotos, tópicos (fórum das comunidades do Orkut), post do Facebook, tuíte, mensagem do WhatsApp, etc., cada um com sua especificidade e sua função no meio digital.

Linguagem Online

Partindo desse horizonte de ideias, cabe ainda informar que uma das marcas da linguagem utilizada na internet é a substituição da palavra por imagens – os emoticons (posteriormente transformados em emojis, figurinhas e *gifs*), os quais expressam determinadas emoções dos participantes do bate-papo virtual.

Essa nova maneira de se comunicar, atualmente, nos meios de comunicação e informação, apresenta características que a distingue, por exemplo, da maneira como nos comunicávamos por carta ou por e-mails (antes da inserção de novos recursos). Observe:

- ▶ **Rapidez** – Nos chamados chats, como o WhatsApp, por exemplo, conversa-se de maneira sincrônica. Desse modo, a produção

ocorre num tempo concomitante, ou seja, os interlocutores operam de forma simultânea, direta e imediatamente; assim também ocorrem, por exemplo, as compras virtuais;

- ▶ **Recepção individualizada** – O internauta tem diferentes possibilidades e ritmos de ação, e torna-se, também, um operador de imagens (seja em forma de mensagem ou não) e mensagens (textuais e/ou visuais);
- ▶ **Interatividade e participação** – O usuário, como sujeito, age e assume seu papel como agente, interagindo, produzindo sentidos também na internet;
- ▶ **Realidade virtual** – O sujeito interage com a realidade das imagens e cria recursos próprios com o intuito de entender a situação virtual e de interagir com ela.

Uma última observação a ser feita é que a Internet não é feita apenas para a pura comunicação entre dois ou três sujeitos. O que queremos dizer aqui é: na internet, há a difusão de textos com distintas funções sociais. Por exemplo, um anúncio publicitário encontrado no Instagram tem o intuito de persuadir o sujeito a que este compre determinado produto. Sendo assim, utilizar-se-á de recursos próprios do gênero anúncio publicitário. Assim ocorrerá com outros gêneros e suas determinadas funções.



(Campanha publicitária da Skol chamando a atenção para outros anúncios no Stories do Instagram).



Lembre que:

Alguns textos utilizarão diferentes maneiras de expressar suas funções. Por vezes, utilizarão uma linguagem mais conotativa (mais metafórica), outras vezes a linguagem será mais denotativa (mais “literal”). Mais adiante estudaremos as **funções da linguagem**, outra parte dos estudos do estudioso russo Roman Jakobson.

ANÁLISE DAS CRÍTICAS AO USO SOCIAL FEITO DAS LINGUAGENS DE COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO



Como já sabemos, a prova de Linguagens do ENEM traz diversas questões de interpretação de texto. Nesse contexto, a banca que cria esse exame exige que o aluno analise, reconheça e tenha posições críticas quanto aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação. Isso porque, apesar de haver facilitado a vida das pessoas em certos aspectos, a internet prejudicou em diversos outros – seja na comunicação, nas relações interpessoais, na cultura de paz.

Observe o texto abaixo:

A “SKRITA” NA INTERNET

O internetês é conhecido como o português digitado na internet, caracterizado por simplificações de palavras que levariam em consideração, principalmente, uma suposta interferência da fala na escrita. O vocábulo aponta ainda para a prática de escrita tomada como registro divergente da norma culta padrão

Os avessos a essa prática de escrita consideram que os adeptos do internetês são “assassinos da língua portuguesa”. Nesse contexto, perguntas como “Há um processo de transformação da escrita com o uso da internet?” ou “Há degradação da escrita com a introdução da internet na vida das pessoas?” são cada vez mais frequentes.

É, pois, com base nesse critério de pureza projetada como ideal da escrita que muitos indivíduos fazem a crítica ao internetês, tomando-o como “a não língua portuguesa”. A imagem de degradação da escrita (e, por extensão, da língua) pelo uso da tecnologia digital é resultado da ideia de que há uma modalidade de escrita pura, associada seja à norma culta padrão, seja à gramática, seja à imagem de seu uso por autores literários consagrados. Haveria, assim, um tipo de escrita sem “interferências da fala”, que deveria ser seguido por todos, em quaisquer circunstâncias.

As ideias correntes de pureza da escrita e de empobrecimento do português podem ser

encontradas em inúmeros materiais que circulam na sociedade, incluídos comentários dos próprios usuários da internet. (...)

Assim concebida, a escrita da/na internet é vista como empobrecimento do idioma. Esse mesmo conceito é o que, muitas vezes, se atribui aos usos que fazem os indivíduos não dotados da tecnologia da escrita alfabética, ditos analfabetos ou não letrados.

(KOMESU, Fabiana C. A “skrita” na internet. Discutindo Língua Portuguesa [especial]: ano 1, n. 1, pp. 56-7, 2008.)

Nesse sentido, muitos entendem o “internetês” como prejudicial ao letramento dos jovens. Contudo, não há evidências de que as abreviações e gírias interfiram, por exemplo, em seu contexto de escrita na escola. Nenhum aluno escreverá “vc” ou “kd” em uma redação por falta de conhecimento de como se escrevem os vocábulos, afinal a própria abreviação, por vezes, utiliza letras da palavra. Talvez haja um ou outra ocorrência, seja por pressa e falta de atenção, seja por vontade própria; por desconhecimento, não.

É nesse sentido que o estudante precisa estar atento quanto a sua criticidade acerca da linguagem na internet, afinal, assim como na vida real, há diversos contextos.

Mau uso das redes sociais



(Ilustração: Pawel Kuczynski)

O mau uso das redes sociais ainda pode se assemelhar ao fenômeno da espetacularização da sociedade, feito pela mídia. Os usuários expõem seus relacionamentos, suas vidas, seus trabalhos, como perfeitos. E, desse modo, essa “vida perfeita” acarreta, no público jovem, expectativas irreais sobre suas próprias vivências. Tal perfeccionismo, atrelado à baixa autoestima, pode desencadear sérios problemas de ansiedade, depressão, estresse psicossocial, dentre outros distúrbios de saúde mental.

Além disso, pode parecer contraditório, mas ao mesmo tempo em que a internet traz o benefício de conexão com as pessoas, por meio do virtual, o real, por vezes, fica esquecido. Há um individualismo que surge como o resultado de sua combinação com o hedonismo, aflorados nas selfies diárias, nas festas e no maravilhoso brilho de um objeto ou de uma comida caros, ou até na foto de uma personalidade famosa.



Efeito “big brother”

Outro fator a ser analisado é o fato de que a exposição excessiva dá espaço para que determinadas pessoas virem “fiscais”, controlando a vida dos outros por meio das redes sociais. São os chamados stalkers. Esse tipo de questão pode desencadear, também, transtornos

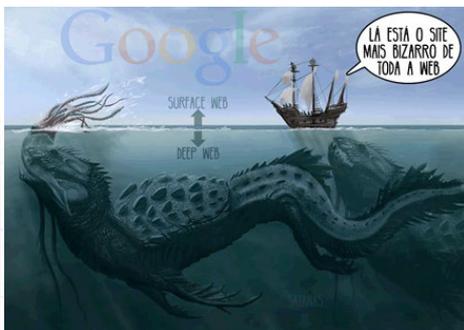
de ansiedade, como a síndrome do pânico, por exemplo, e a depressão. Muitas vezes o “stalk” pode ser considerado assédio.



Muito além da internet

Para além do que já discutimos, é necessário abrir os olhos, também para o assunto da dark e da deep web. Essa é a parte da Internet que não é indexada (ou catalogada). Suas páginas compõem a seção oculta da rede e nela são difundidas, sem filtro, quaisquer informações.

As redes anônimas, por vezes, são destinadas ao uso de ativistas políticos e de jornalistas sob censura. Existem, sim, conteúdos ricos na deep web, como receitas culinárias raras, artigos científicos, etc. Contudo, pelo fato de o conteúdo ser anônimo, a rede atrai pessoas interessadas em difundir conteúdo macabro e ilegal. Foi a partir de alguns fóruns da deep web que, por exemplo, o massacre de Suzano foi articulado, bem como os ataques nas universidades públicas. É difícil, entretanto, para os leigos, não deixar rastros ao ter acesso à deep web, o que facilita bastante o papel da polícia na hora da investigação.



Para refletir:

1. Don't f**k with Cats: Hunting an internet killer (2019)



É uma série de documentários sobre um crime americano sobre a caça ao assassino canadense Luka Magnotta, acusado de matar animais, filmar seus crimes e postar na internet. O documentário foi dirigido por Mark Lewis e lançado na Netflix em 18 de dezembro de 2019.

2. 'Deep web': entenda o que é e os riscos:

<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/blog/altieresrohr/post/2019/03/14/deep-web-entenda-o-que-e-eos-riscos.shtml>

Anotações